

# Cardoso Pires regressa ao real

Na "Balada da Praia dos Cães", que é um embrenhado de interrogatórios judiciais ou depoimentos testemunhais, o lado mais original da linguagem literária do escritor consiste na integração do real na prosa

João Gaspar Simões

Estava lendo — diria melhor, relendo — as *Conversações de Goethe com Eckermann* quando me saltou aos olhos esta frase: «O que é, afinal, uma «novela» senão uma novidade de que ainda não tínhamos tido qualquer referência?». É que, ao mesmo tempo que repassava a vista por essas páginas, simultaneamente tão solenes e tão perscrutadoras do que se passava em 1827 e 1832 no mundo da cultura, fase derradeira de vida do grande homem de Weimar, lia avidamente as páginas dessa verdadeira «novela» que se intitula *Balada da Praia dos Cães*, da qual é autor José Cardoso Pires, muito mais, à letra, «novela», de facto, ou «novidade», como queria Goethe, que propriamente «balada». E como eu, desde muito, vejo em Cardoso Pires antes um novelista — um homem que conta «novidades» nas suas histórias — do que um romancista ou um «baladista», como foi moda dizer-se de alguns dedilhadores de modinhas, mais ou menos políticas, nos últimos anos da ditadura, a alegação de Goethe, quanto à verdadeira natureza etimológica do género «novela», confirma plenamente o que eu pensava da arte de contar do autor de *Caminheiros*, para mim sempre muito mais um contista ou um novelista, alguém que conta coisas novas, ou que conta coisas velhas de modo a parecerem novas, do que romancista ou aquilo que ele próprio, José Cardoso Pires, ainda se propôs ser — fabulista, digamos — nalgumas das suas páginas, aliás memoráveis. Estou a lembrar-me, por exemplo, de *O Anjo Ancorado*, que eu, em 1955, aqui mesmo saudava como «uma bela, impenitosa e sadia página da nossa novelística contemporânea», ou dessa outra obra, não menos notável, que se intitula *O Anjo Ancorado*, a respeito da qual, na mesma coluna, me foi permitido observar: «A ambiguidade da sua posição perante o real agrava-se, complica-se, atinge por vezes certa margem de insegurança por isso mesmo, porque José Cardoso Pires, sendo um prosador de raça, um artista da palavra, dos mais notáveis com que conta hoje a nossa literatura a cada passo se deixa tentar pelo demónio que o habita (certa ancestralidade romântica). A realidade, a vigilância rigorosa da realidade, eis a única forma de evitar que a voz do sangue cale a voz da razão, que a prodigiosa arte de contar deste grande contista se não veja subvertida pela sua prodigiosa arte de escrever.» (*Crítica IV*, página 264)

Se chamo à colação tais referências à obra passada do autor deste novo livro — desta nova «novela», perdoe-se-me o pleonasma — tão significativamente intitulada de *Balada da Praia dos Cães* (*O Jornal*, edições), é porque nela, nessa, à letra, «novela», o que antes de mais avulta é a «novidade» ou a «notícia» de que ainda não nos fora dado ler qualquer articulada história. E se a história que serve de lastro à referida novela («balada»), como dizem as enciclopédias, originariamente era um poema que, acompanhado por músi-

ca, se destinava a ser cantado durante um baile, sofrendo depois manifesta evolução, convertida em canto popular simples e triste, e, de maneira geral, de índole mais ou menos lendária ou épica) foi outrora notícia ou «novela» na própria Imprensa, embora notícia ou «novela» de algum modo velada, como convinha em tempos de instituída Censura, a verdade é que nunca chegara a passar a letra de forma, e de molde tal que viéssemos a ter conhecimento dela, dessa notícia ou dessa «novela», sob a forma mais realista que imaginar se pode, que é aquela que, quanto a nós, melhor quadra à prosa do autor dos *Caminheiros*, autor a quem um dia ousámos considerar o escritor português do nosso tempo em cuja obra víamos «realizar-se nas letras portuguesas uma das raras, raríssimas, integrações totais da realidade na prosa que a exprime.» (*Crítica IV*, página 263.)

Pois que melhor integração da realidade na prosa novelística nacional que esta maneira quase judicial ou, por assim dizer, policial, de trazer até ao leitor um caso que andou pela Judiciária, vulgo «Judite», no dizer do autor da *Balada da Praia dos Cães*, e da Judiciária passou para a PIDE, onde praticamente acabou?

Bem pode ser que haja quem deplore renunciar aqui o autor de *O Anjo Ancorado* a algumas das mais apreciáveis arborizações barrocas da sua prosa. Não é essa a nossa opinião. Quanto a mim, creio mesmo que após alguns anos de recolhimento, Cardoso Pires, ao voltar às lides da novelística, o fez da melhor maneira que se lhe oferecia para readquirir aquilo que, a meu ver, constitui o lado mais original da sua linguagem literária: a tal integração do real na prosa. Não se trata, como diria Flaubert, de «escrever real», mas de «escrever como se fosse real» aquilo que se escreve. E em parte alguma da sua já vasta obra o autor de *O Anjo Ancorado* se permite castigar tão a preceito o referido fundo romântico do seu temperamento, inclusivamente manifestado em certo tom didáctico de alguns dos seus livros novelísticos, para não falar nalguns dos seus livros ensaísticos, *verbi gratia*, *A Cartilha do Marialva* como o faz nas páginas desta *Balada*, uma vez que nelas, muito raramente, a prosa é prosa no sentido retórico do termo, antes é oralidade, uma vez que, ao longo de todas elas, quase só nos encontramos com uma espécie de soliloquio ou de monólogo interior de um dos seus principais comparsas — Elias Chefe —, o qual é, ao mesmo tempo, uma vez que por ele passa a rede de todos os depoimentos policiais, senão o seu principal protagonista, os seus outros protagonistas são os réus ouvidos e os réus já mortos —, e todo o livro, toda a *Balada*, praticamente, é um embrechado de depoimentos testemunhais ou de interrogatórios de réus — particularmente de um dos réus, a ré Mena. Ora, quanto a nós, o facto de Cardoso Pires, pela primeira vez, de uma forma directa e quase total, ter trans-

posto para a boca dos seus comparsas — principalmente para a de Elias Chefe — tudo quanto se diz ou tudo quanto é mister dizer nas páginas da sua *Balada* dá a esta uma grande força, que não é, como poderia parecer, a força de qualquer prosa original, mais ou menos espontânea e desalinhada, o que sucede a não poucas prosas orais da nossa presente novelística, nem tão-pouco a prosa oral, artificialmente trabalhada, também em moda entre os que, nos nossos dias, em Portugal, cultivam a ficção de teor dito de vanguarda. Para nós, é este mesmo o lado mais apreciável da novela de Cardoso Pires, apreciável não só do nosso ponto de vista, mas apreciável mesmo do ponto de vista que há a ter em conta, caso queiramos um Cardoso Pires recuperado para o seu realismo intrinsecamente estruturado enquanto prosa. Muito ao contrário do que podem pensar os leitores apressados, é uma linguagem oral, muito especificamente identificada com a interioridade de quem fala, a linguagem que Cardoso Pires utiliza, muito mais uma linguagem oral de expoente literário, digamos, que uma linguagem oral de expoente terra-a-terra. O terra-a-terra da linguagem de Elias Chefe revela-nos, ao mesmo tempo, um Elias Chefe *sui generis* e um prosaísmo judicial que desde logo nos mete, a nós próprios, nos calabouços da Judiciária e nas tricas da «Judite».

Graças a este prodigioso mimetismo, que é o mimetismo dos inquiridos, depoimentos, soliloquios, monólogos da *Balada*, não carece o novelista de dizer muita coisa sobre cada uma das personagens dessa mesma *Balada* ou dessa mesma «novela». Aquilo que cada uma diz chega para identificarmos-nos com cada uma delas. E não acusem o autor de ter usado, por vezes, de uma certa brutal terminologia nas páginas da sua *Balada*. É assim que se fala e se pensa em certos meios. Talvez valha lembrar o que uma vez Zola teria dito a Mallarmé, naturalmente quando aquele, o autor da *Thérèse Raquin*, punha em prática o preceito de Taine: «*Le vice et la vertu sont des produits comme le vitriol et le sucre. Magoado o aristocracismo do autor da Hérodiade*, com a afirmação de Zola, que, sem papas na língua, declarou que, para ele, a merda valia tanto como o diamante, contestou-lhe esse aqui-subtil mestre da poesia dos nossos dias: «Apenas o diamante é mais raro». Ora a verdade é que presentemente, e nos meios que Cardoso Pires tão realisticamente nos evoca, diamantes não há, ou quando os há, são roubados... Há, sim, a outra coisa... a merda. E essa não a podia Cardoso Pires afastar do olfacto sofisticado do leitor pouco familiar com gente e acontecimentos de uma tão baixa esfera social como é a esfera social onde decorre, e com pujante realismo, a «novela» de Cardoso Pires, no seu género uma obra-prima. A Judiciária não é, ai de nós!, um salão de chá...